

Dossiê temático
“Teoria crítica no Brasil”

Coordenação: Frederico Lyra de Carvalho (Universidade de São Paulo)¹

Este dossier da Revista Passagens de Paris n. 21, reúne alguns artigos e ensaios de autores diversos que têm contribuído com a produção recente da teoria crítica no país. Ele tem como objetivo reunir um conjunto de temas e assuntos que têm ganho relevância para a crítica do tempo presente, como também, por se tratar de uma revista franco-brasileira, apresentar alguns autores brasileiros para o público francês. Ela contém quatro artigos nesta língua, dois sobre Paulo Arantes, um sobre Roberto Schwarz e um sobre Ruy Fausto. Por fim, este dossiê parece reforçar uma tendência recente que é a leitura e desenvolvimento por jovens pesquisadores de ideias e intuições elaboradas por autores brasileiros.

Poderíamos dividir o dossier em três momentos. O primeiro conta com as contribuições de Marildo Menegat, Bruno Carvalho, Leomir Cardoso Hilario e Filipe Campello. Cada um destes artigos tenta pensar um problema prático e conceitual determinante para a crítica do tempo presente. De certa forma, cada um sugere articulações e caminhos possíveis para o desenvolvimento do trabalho teórico. Menegat abre o volume com uma reflexão radical sobre a centralidade crescente da guerra como fenômeno determinante para reprodução destrutiva do sistema capitalista. Em « Tremor e cataclisma da segunda natureza – a guerra como modelo da dissociação catastrófica do capitalismo », O autor parte de uma leitura atenta de algumas passagens da obra de Robert Kurz na qual esse autor levanta a hipótese das origens destrutivas do capitalismo para sustentar a tese de que a guerra total exerce uma função central, um modelo da dessociação catastrófica no segundo colapso do sistema. No ensaio intitulado "Escola de Frankfurt" e a periferia do capitalismo », Bruno Carvalho revisita certas raras passagens de textos de Theodor Adorno e Max Horkheimer nas quais esses autores tratavam diretamente de países ou sujeitos da periferia do capitalismo. Ele conclui com uma análise curiosa e instigante sobre a importância direta que a nossa vizinha Argentina teve para a fundação do Instituto de Pesquisas Sociais ainda nos anos 1920. Leomir Cardoso Hilário, no ensaio “As figuras da razão instrumental na periferia do capitalismo, propõe uma leitura rigorosa da crítica da razão instrumental buscando colocá-la no centro de um diagnóstico do presente que passa pela tentativa de pensar quatro figuras próprias do capitalismo periférico na sua relação negativa com o centro do sistema: o

¹ Frederico Lyra de Carvalho é doutor em filosofia da arte pela Université de Lille. Possui mestrado em filosofia pela Université de Paris 8 e em musicologia pela Université Paris IV. Faz parte do comité editorial das revistas Passages de Paris, Sinal de Menos e Jaggernaut. Atualmente é pós-doutorando no departamento de filosofia da USP.

colonialismo, a medicina social, a revolução industrial e a necropolítica. Filipe Campello contribui com o ensaio “Afetos e injustiça: uma proposta programática” no qual tenta elaborar uma teoria crítica normativa capaz de levar em conta aspectos empíricos das experiências subjetivas e afetivas as mais diversas, considerando a semântica e vocabulário através dos quais os afetos se exprimem e com o intuito de deslocar tais problemas de um âmbito estritamente moral para um problema de justiça.

O segundo momento desse dossiê é composto pelos ensaios de Leonardo da Hora e Raphael Alvarenga, ambos em francês. Com “La dialectique et la force de la subtilité : Ruy Fausto au-delà de l'humanisme et de l'anti-humanisme”, tradução modificada de um artigo publicado anteriormente em português, Leonardo da Hora busca apresentar alguns dos problemas centrais na reelaboração da dialética realizada por Ruy Fausto e tenta mostrar como e porquê o tema do humanismo e do anti-humanismo atravessa toda a obra deste filósofo e se insere em diversos debates no seio do marxismo francês como também brasileiro. Com o seu “Du côté de chez Schwarz: dialectique; négativité et utopie”, Raphael Alvarenga reconstrói o percurso do crítico literário Roberto Schwarz com o intuito não somente de apresentar a sua de maneira detalhada ao público francês, como também propor a este mesmo público uma imagem do modelo crítico desenvolvido por Schwarz na sua confrontação com a matéria brasileira.

A última parte do dossiê reúne quatro ensaios sobre Paulo Arantes, além de uma entrevista, inédita em português, com o filósofo. Este também se subdivide em dois momentos. Beatriz Vieira e Douglas Rodrigues Barros apresentam artigos inéditos sobre o filósofo enquanto Giovanni Zanotti, por um lado, e Luiz Philippe Caux e Felipe Catalani, por outro, apresentam traduções francesas de ensaios previamente publicados em português. “Na carne dos dias: um fio de conversa sobre a (de)formação nacional em Paulo Arantes”, Beatriz Vieira elabora uma análise historiográfica detalhada da ideia de “formação nacional” na tentativa de identificar o seu “sentido” em uma elaboração que busca encontrar os pontos de tensão na experiência histórica brasileira e o seu lugar no sistema-mundo se apoiando em um fio conceitual traçado, entre outros, em torno das categorias de formação, nação e desconstrução. A autora conclui com uma meditação profunda em torno da “vida e morte formativa” não abdicando de tomar como material de base o material mais fresco contido em uma série de “lives” realizadas com o filósofo desde que o mundo entrou em seu momento pandêmico ainda em 2020. Douglas Rodrigues Barros busca sugerir com o seu ensaio “A ordem do novo tempo: o tempo comum ao jovem e ao velho Arantes” alguns pressupostos hegelianos que atravessaram toda a obra do filósofo da sua tese *A Ordem do Tempo* até *O Novo Tempo do Mundo*, além de sugerir que a centralidade da categoria de tempo na reelaboração dialética de Paulo Arantes decorre de uma leitura materialista própria da dialética hegeliana. Luiz Philippe de Caux et Felipe Catalani propõem um ensaio no qual

analisam de maneira detalhada a leitura empreendida por Paulo Arantes das “Idéias fora do lugar” e de como as intuições assinaladas neste ensaio de Roberto Schwarz foram determinantes para a maneira com a qual o filósofo compreende o funcionamento da ideologia, como também da realidade material, nos países periféricos do sistema capitalista na sua relação com o centro, como também mostra a verdade do centro. *L’Idéologie française” vue du Brésil”* é a tradução, ligeiramente modificada, do posfácio escrito por Giovanni Zanotti para o livro *Formação e desconstrução*. Uma visita ao museu da ideologia francesa. Neste ensaio, Zanotti sintetiza e analisa os ensaios reunidos no volume, os seus pressupostos e o debate no qual se inseria. Ele tenta esclarecer o qual é de fato a especificidade da crítica da ideologia operada por Paulo Arantes para concluir com algumas hipóteses sobre o tempo presente. Para fechar o volume, publicamos a entrevista realizada com o professor e filósofo Paulo Arantes em janeiro de 2018, isto é, antes da ascensão do Capitão, como encomenda da revista francesa *Variations*. Nela, Arantes revisita parte do seu percurso na França, o seu encontro com a Escola de Frankfurt e dos seus desdobramentos em solo periférico.

Resta saber se se trata de Teoria Crítica no/do Brasil. No e/ou do Brasil pois se, por um lado, parece um fato que parte considerável da teoria crítica produzida neste país, na esteira ou não do modelo clássico da primeira Escola de Frankfurt, parece carregar consigo, mesmo em seus momentos mais abstratos ou apoloéticos, a história e sociedade brasileira como prisma crítico. Por outro lado, a teoria crítica produzida neste país nunca teve como intenção se reduzir à produção de uma interpretação da sociedade brasileira. A intenção cosmopolita e global sempre esteve presente em maior ou menor quantidade. Não é tão pouco uma evidência que estes dois pólos andem sempre juntos, pois haveria uma parte da crítica cuja intenção se restringe ao país, e outra que faz abstração dele. Falta investigar se esta é uma particularidade exclusivamente nacional, ou se ela é compartilhada por outros países periféricos. Por fim, se fosse fazer minha uma das diversas indagações instigantes levantadas neste dossiê, retomar integralmente a nota 29 do ensaio da Beatriz na qual ela se questiona sobre a pertinência ou não do seguinte problema: “A ser levada em conta, por exemplo, a crítica sobre o caráter regional do pensamento social brasileiro e, por decorrência, de todo este debate, centrado em pensadores do Sudeste. Como seria a problematização do prisma teórico de outros estados, NO, NE, CO? Haveria diferença? Tratar-se-ia de inclusão no sentido da nação, ou outra visão/conceituação totalmente diferente?”. Talvez seja um falso problema, mas o que a periferia da periferia teria a dizer sobre a decomposição da periferia, e subsequente periferização do mundo, sobre o prisma do ponto de vista da periferia tal qual ele foi elaborado no centro desta no momento exato da sua decomposição, isto é, da conclusão da sua formação?

Frederico Lyra de Carvalho